

**UNIVERSIDADE DE UBERABA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO:
FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO PROFISSIONAL**

MEMORIAL FORMATIVO

CLÉBER OLIVEIRA SILVA

extraído em junho de 2024 do relatório de pesquisa intitulado **VELHOS PROBLEMAS E NOVOS PARADIGMAS: UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO CONTINUADA OFERTADA PELO NÚCLEO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL DE MONTES CLAROS/MG.**

Catálogo elaborado pelo Setor de Referência da Biblioteca Central UNIUBE

S38v Silva, Cléber Oliveira.
Velhos problemas e novos paradigmas: um olhar sobre a formação continuada ofertada pelo núcleo de tecnologia educacional de Montes Claros/MG / Cléber Oliveira Silva. – Uberlândia (MG), 2024.
143 f. : il., color.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. Linha de pesquisa: Educação Básica: Fundamentos e Planejamento.

Orientador: Prof. Dr. Adelino José de Carvalho Dias.

1. Professores – Formação. 2. Formação continuada. 3. Tecnologia educacional. I. Dias, Adelino José de Carvalho. II. Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação. III. Título.

CDD 371.12

Memorial

“Um poeta dizia que o menino é o pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino” (Machado de Assis).

Infância e adolescência

No final da década de 1980, minha mãe trabalhava como ajudante de serviços gerais em uma escola pública de Osasco, cidade da região metropolitana de São Paulo. Lá, ela recebeu da diretora alguns livros didáticos que não seriam mais utilizados, chegou em casa e me entregou o pacote. Peguei o embrulho e sem entender muito bem o que era aquilo, abri e olhei dentro dele. Ao encontrar livros, folheei um por um e, como ainda não sabia ler, passei a inventar aventuras em minha cabeça com aquelas imagens.

Embora tivesse apenas três anos de idade, lembro-me que gostei muito da coleção *Geografia Ativa*, de Zoraide Victorello Beltrame (1979), pois essa obra usava histórias em quadrinhos para apresentar as regiões do Brasil aos leitores, e isso, não só facilitava eu me incluir na narrativa, como também permitia que viajasse em uma nave espacial junto com os personagens da trama (Beltrame, 1979).

Além dessa, também fui seduzido pelo tom caricato das ilustrações de *A História do Brasil da 5ª Série*, de Marlene & Silva (1975). Por alguma razão, os traços singelos desse livro me cativaram e por isso, não o larguei nunca mais (Marlene & Silva, 1975). A princípio, apreciava apenas suas figuras, mas conforme aprendi a ler, comecei a explorar seu texto e depois disso me envolvi com seu conteúdo de tal forma, que ainda na fase de alfabetização cogitei pela primeira vez me tornar professor de História.

Nessa época, meus pais decidiram se mudar para o Norte de Minas. Segundo eles, era hora de voltar para o interior e educar os filhos em um lugar tranquilo e seguro. Falaram ainda que esse retorno estava previsto desde que desembarcaram em São Paulo, na década de 1970, em busca de melhores condições de vida. Como acreditavam ter alcançado esse objetivo, em janeiro de 1990 regressaram para Mirabela. Por isso, iniciei a trajetória escolar em fevereiro do ano seguinte, morando na terra natal dos meus pais.

Ao longo do ensino fundamental fui líder de classe, presidente de clube de leitura e, quando solicitado, demonstrei boa desenvoltura tanto para atuar em peças teatrais quanto para apresentar trabalhos diante da turma. Revendo isso, fico com a impressão de que as experiências

que vivi reforçaram ainda mais a minha intenção inicial de seguir na carreira docente. Muito embora também tenha experimentado situações que poderiam ter me afastado da sala de aula.

Quando cursava o 3º ano do ensino médio, por exemplo, fui convidado para coordenar uma sessão de cinema comentado numa turma do 2º ano e a atividade foi um fracasso. A pipoca queimou, a fita do filme não rodou no videocassete, mas nada disso me demoveu da ideia de lecionar e segui me preparando para, no final de 2003, prestar vestibular na Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), única universidade pública da região.

Para tanto, frequentava o ensino regular à tarde e o pré-vestibular à noite. Foi um período intenso, marcado por muito estudo e algumas madrugadas sem dormir. Mas devido a este empenho, fui convidado para ser monitor de História do Brasil no cursinho e desse jeito, ministrei minhas primeiras aulas antes mesmo de ingressar na faculdade. Hoje, vejo que este episódio foi determinante para a escolha da minha profissão, posto que, todas as vezes que me levantava diante da turma para revisar a matéria ou para corrigir questões de prova, não sentia insegurança, desconforto ou medo, muito pelo contrário, ficava totalmente à vontade. Imaginava que à frente da sala de aula era o melhor lugar do mundo e por isso, eu não tinha nenhuma pressa de sair dali. Sem dúvidas, ter experimentado essa alegria tão cedo, me ajudou a perceber que o magistério era algo que eu queria para a vida inteira.

Recordo-me que me inspirava no professor de quem eu era monitor. Queria poder fazer igual a ele um dia, chegar na sala de aula apenas com o giz, escrever todo conteúdo no quadro e então dar um show. Admirava como ele conseguia alternar piadas fantásticas com informações extremamente sérias. Observava atento como ele dava conta de conduzir uma classe inteira apenas com um simples roteiro e mais nada. Para mim, aquilo tudo era fantástico e deveria ser copiado e reproduzido em todos os estabelecimentos de ensino do mundo.

Todavia, anos mais tarde, após ter contato com docentes que empregavam outros meios para ensinar, comecei a questionar aquela aula que eu tanto admirava, já que, vistas a partir de um lugar e de um tempo diferente, essa parecia ter perdido o encanto ou se resumido apenas a repetição de informações acompanhada de pouca ou nenhuma reflexão. Depois que constatei isso, procurei me afastar das abordagens mais instrucionais e busquei conhecer melhor paradigmas que privilegiam a construção do conhecimento. A seguir conto como isso aconteceu comigo.

A universidade e a vida profissional

Antes, contudo, é preciso deixar claro que durante muitos anos continuei apreciando essa educação verticalizada, a qual, na maioria das vezes, eu ouvia, inerte, alguém amparado pela autoridade acadêmica falar sobre autores e textos. Apesar de já ser comum discursos sobre a necessidade de superar o ensino tradicional, boa parte das aulas que frequentei, inclusive na universidade, foram assim e além de assistir, eu também as reproduzi, quando tive a oportunidade de me tornar professor. Dito isso, podemos prosseguir.

Fui aprovado em História na Unimontes no final de 2003. Numa época em que os vestibulares eram escassos e a concorrência imensa, todos precisavam passar pelo sistema universal, pois a Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012) ainda não existia. Era prova objetiva, depois prova discursiva, redação e se não fosse aprovado precisava aguardar até o próximo semestre para tentar novamente, ninguém queria refazer todo aquele processo e, por este motivo, conseguir aquela vaga na primeira tentativa foi tão importante.

Na graduação reencontrei o professor de quem eu fui monitor no pré-vestibular. Primeiro ele lecionou História do Brasil Colônia para a minha turma. Depois ainda trabalhou outras disciplinas como, História da África, Formação Socioeconômica do Norte de Minas e História Contemporânea. Além disso, foi o paraninfo da turma e meu orientador de trabalho de conclusão de curso (TCC). Na aula da saudade, ele entregou uma mensagem para cada aluno, a minha dizia o seguinte: “Que Deus lhe aponte caminhos novos e seguros, e que você aproveite os ensinamentos que cada um desses caminhos pode proporcionar.”

Talvez isso tenha me dado coragem para renunciar ao primeiro cargo público que ocupei. Tinha tomado posse como fiscal de tributos na Prefeitura de Mirabela em agosto de 2006, mas no final de 2007, estava disposto a mudar de carreira, tanto que bastou surgir as primeiras possibilidades de lecionar em escolas da rede pública estadual como substituto que eu deixei o setor de tributos para trás e fui em busca do meu sonho de ser professor.

Trabalhava quinze dias aqui, dez dias acolá até que em agosto de 2008 surgiu uma grande oportunidade. Devido às eleições municipais, alguns professores se afastaram dos seus cargos para concorrer ao pleito daquele ano, com isso, sobraram aulas em uma escola pública estadual situada no povoado de Alvação, zona rural do município de Coração de Jesus, a 30 km de Mirabela. A princípio eram 3 (três) aulas, depois apareceram outras 2 (duas) e por último me ofereceram mais 6 (seis), em um anexo desta mesma escola que ficava bem distante dos outros dois locais que eu já lecionava.

Como as aulas estavam espalhadas por endereços diferentes, naquele ano percorri muitos quilômetros de estrada de chão, pilotando uma motocicleta, carregando uma mochila com livros e diários de classe nas costas e um colchonete na garupa, pois muitas das vezes era

preciso improvisar um lugar para dormir. Embora tudo isso fosse bastante difícil, me sentia motivado para enfrentar cada uma das situações que surgiam. Estava ciente que inícios de trajetória são desafiadores e exigem persistência, então nenhum desses motivos me fizeram sequer pensar em desistir.

Em 2009, não tive meu contrato renovado, mas consegui algumas substituições temporárias em escolas estaduais. Além disso, procurei aulas em uma escola da rede municipal, porém fui preterido por uma pessoa que sequer era habilitada em História. Naquela época, a contratação de professores para o município não obedecia a nenhum critério objetivo. Sendo assim, não bastava possuir a formação adequada, era preciso de uma indicação que eu não tinha e por isso não consegui o trabalho.

Em 2010, voltei a ter uma boa sequência na docência, pois, uma professora decidiu abandonar a zona rural de Brasília de Minas e retornar para a cidade, deixando seu cargo disponível. Fui informado sobre a vaga, concorri às aulas e consegui pegar aquele contrato. Naquela escola vivi a experiência mais fantástica de toda a minha pequena trajetória como professor.

Prédio simples, estrutura física acanhada, acesso apenas por estrada de terra, mas o grupo me recebeu de uma forma tão calorosa que facilitou desenvolver o meu trabalho. O tempo voou e quando percebi era a confraternização de final de ano. Empolgado, comecei a fazer planos para o ano seguinte. Todavia, fui surpreendido, pois a escola perdeu algumas turmas e minhas aulas diminuíram muito. Devido a isso, eu corri o risco de começar 2011 com poucas ou nenhuma aula.

No entanto, depois de uma série de idas e vindas, ainda me restaram 6 (seis) das 18 (dezoito) aulas que eu tinha, além disso, um colégio particular me ofereceu outras 12 (doze) aulas. Dessa maneira, comecei 2011 com a mesma carga horária que eu havia encerrado o ano anterior. Era a primeira vez que isso acontecia comigo o que me fazia crer que o ano poderia guardar surpresas ainda maiores.

Eu estava certo. Antes mesmo de encerrar o primeiro semestre de 2011, fui aprovado em um processo seletivo da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG) para ser Analista Educacional e compor a equipe do Programa de Intervenção Pedagógica dos anos Finais do Ensino Fundamental, o PIP/CBC. Isso, por um lado, me deixou contente pela oportunidade de crescimento profissional, mas por outro, me entristeceu, porque eu tive que deixar a sala de aula.

Assim, em agosto de 2011 me mudei para Montes Claros e iniciei uma nova jornada. Nesse novo emprego, me tornei membro de uma equipe formada por 16 (dezesesseis) pessoas: 4

(quatro) habilidades em Língua Portuguesa, 4 (quatro) habilidades em Matemática e as demais licenciadas em outras áreas do conhecimento. Dentre elas, eu era um dos representantes do componente curricular de História.

Nossa principal atribuição era visitar escolas da rede pública estadual e secretarias municipais de educação, com dois objetivos: primeiro, ajudar a implantar o CBC (Conteúdo Básico Comum) que era o currículo de Minas Gerais, na época. Depois, realizar o acompanhamento pedagógico com foco nas turmas dos anos finais do ensino fundamental.

À medida que fui desenvolvendo esse trabalho, notei que a abordagem tradicional, sozinha, não dava conta de promover uma educação de qualidade como eu imaginava nos meus tempos de cursinho e até nos meus primeiros anos de professor. Em virtude disso, propus rever meu posicionamento diante do conteúdo, da avaliação da aprendizagem, da relação professor x aluno e do processo de ensino.

Para isso, renunciei à crença em professores detentores do saber e declarei minha admiração aos educadores que são capazes de ouvir, dialogar e construir o conhecimento. Além disso, deixei de apreciar a transmissão de conteúdo e comecei a priorizar uma relação mais horizontal com os estudantes. Nesse meio tempo, troquei a confiança em livros didáticos e aulas expositivas por uma postura ativa, dinâmica e investigativa. No final dessa passagem pelo PIP/CBC, senti que não tinha apenas conseguido reavaliar a minha prática, mas também me tornado um profissional diferente.

A nova trajetória

Acerca do PIP/CBC, vale destacar que atuei nesse programa de implementação de currículo e de acompanhamento pedagógico dos anos finais do ensino fundamental, entre agosto de 2011 e setembro de 2013. Depois disso, fui aprovado em concurso público da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG) e me tornei Analista Educacional de carreira. Porém, como a vaga que pleiteei era na Superintendência Regional de Ensino¹ de Unaí, me mudei para o Noroeste do estado em outubro de 2013.

No período em que estive em Unaí, fiz parte da Equipe Pedagógica daquela SRE e inclusive, coordenei as ações do Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio

¹Na estrutura da Secretaria de Educação de Minas Gerais (SEE/MG), o estado é dividido em 47 superintendências regionais de ensino, doravante denominadas SRE 's. Cada SRE tem por finalidade exercer, em nível regional, as ações de supervisão técnica, orientação normativa, cooperação e de articulação e integração entre Estado e Município em consonância com as diretrizes e políticas educacionais.

(PNEM)². Assim, iniciei uma aproximação com a formação continuada de professores, sem saber que algum tempo depois eu faria parte do Núcleo de Tecnologia Educacional de Montes Claros³ (NTE 7) e ela seria não só meu objeto de trabalho, mas também meu objeto de estudo.

Isto posto, é importante acrescentar que retornei para Montes Claros em junho de 2015 e segui acompanhando projetos relacionados à essa última etapa da educação básica até outubro de 2018. Dessa data em diante, fui para o NTE 7 e assumi a função de ministrar cursos e oficinas para ajudar professores e especialistas a incorporar as tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na prática pedagógica.

No entanto, pouco tempo depois que comecei a participar das ações promovidas pelo meu novo setor, reparei que os cursistas assistiam às capacitações, elogiavam o conteúdo, mas seguiam encontrando muita dificuldade na hora de levar as inovações para dentro da sala de aula. Instigado por isso, elaborei um relatório apontando este problema e sugerindo investigarmos suas causas.

Para fundamentar meu texto, recorri, principalmente, às ideias de Maria Cândida Moraes (2012), pesquisadora que defende a inserção de artefatos tecnológicos na prática pedagógica acompanhada de reflexão, visto que entende que sem isso, muito provavelmente, as formações favorecem a transmissão do conhecimento e por conseguinte, ficam fragmentadas, dissociadas da realidade e sem as forças necessárias para promover transformações relevantes no ensino e na aprendizagem (Moraes, 2012).

Além de Moraes (2012), também mencionei Maria Ivete Basniak e Maria Tereza Carneiro Soares (2016), já que essas autoras fizeram um levantamento que é relevante para a análise da situação que identifiquei. Elas investigaram 60 (sessenta) pesquisas que tratavam dos impactos da tecnologia na educação e constataram que a maioria dos trabalhos selecionados discutiram a formação continuada para incorporação das tecnologias na prática pedagógica, mas não conseguiram alterar seu caráter técnico e instrumental, permitindo, portanto, que elas continuassem frágeis (Basniak e Soares, 2016).

² O Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio, instituído pela Portaria nº 1.140, de 22 de novembro de 2013, focou, principalmente, em duas ações estratégicas. O redesenho curricular, desenvolvido nas escolas por meio do Programa Ensino Médio Inovador – ProEMI e a Formação Continuada de professores do Ensino Médio, que iniciou no primeiro semestre de 2014 e se estendeu até o primeiro semestre de 2015.

³ De acordo com o documento orientador do Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO), os Núcleos de Tecnologia Educacional (NTE), são estruturas descentralizadas de apoio ao processo de informatização das escolas, auxiliando tanto no processo de incorporação e planejamento da nova tecnologia, quanto no suporte técnico e capacitação dos professores e das equipes administrativas das escolas. O Núcleo de Tecnologia Educacional de Montes Claros (NTE 7) está vinculado à Superintendência Regional de Ensino de Montes Claros (SRE/Moc). Ao todo são 47 NTEs de Minas Gerais, cada um vinculado a uma SRE.

Em resumo, busquei redigir um documento que estivesse alinhado aos diversos estudos e inúmeros pesquisadores que nos últimos anos debateram a formação continuada para incorporação das tecnologias na prática pedagógica e mostraram que este trabalho precisa se apoiar em um novo paradigma educativo e em uma nova concepção de formação de professores (Cerny, Almeida e Ramos, 2014). Mas apesar desse esforço, os outros formadores do NTE 7 não quiseram examinar o relatório e por isso, eu precisei arquivá-lo.

Tão logo percebi que o NTE 7 não poderia ser pesquisado, matriculei-me como aluno especial no programa de Pós-graduação em História da Unimontes. Em seguida, tentei o mestrado pela primeira vez no final de 2019. Meu projeto foi aprovado, porém, não consegui me classificar nas etapas seguintes do certame. Daí veio a pandemia e, no meio de tudo isso, perdi meu pai, vítima de um acidente automobilístico. Então, imaginei que não voltaria para a universidade novamente tão cedo.

Entretanto, felizmente, estava enganado. No primeiro semestre de 2022 surgiu o *Trilhas de Futuro Educadores*, Projeto do governo de Minas Gerais que ofereceu bolsas de estudo em programas de pós-graduação *Stricto Sensu* aos servidores efetivos que tinham interesse em prosseguir na vida acadêmica. Uma vez que me encaixava nas exigências e estava disposto a concorrer a uma vaga neste processo seletivo, retomei o que tinha escrito sobre a formação continuada ofertada pelo NTE 7 e modifiquei sua estrutura sem alterar a sua essência.

Por este motivo, eu segui sustentando nesse novo texto, a hipótese de que formações continuadas, organizadas e executadas a partir de uma abordagem pedagógica ativa, criativa, dinâmica, contextualizada, investigativa e dialógica podem causar mais impactos no processo de ensino-aprendizagem do que capacitações⁴ que se baseiam apenas na transmissão do conhecimento.

Ao mesmo tempo, fiz buscas em bases de dados procurando trabalhos que contribuíssem com a discussão sobre a formação continuada de professores ofertada pelo Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE) para a incorporação das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) na prática pedagógica. Contudo, as primeiras pesquisas feitas tanto no Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) quanto na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) usando as palavras-chave: **Formação**

⁴ Conforme Marilda Aparecida Behrens (2007) “A qualificação profissional conservadora recebe também a designação de *capacitação* que adquire força nas empresas, nas indústrias e nas escolas. A capacitação tem como finalidade o acompanhamento e a qualificação de recursos humanos para repetir tarefas, em especial pela crescente e contínua evolução das tecnologias. A capacitação e a atualização dos profissionais tinha como objeto a preparação de pessoal habilitado para um determinado manejo ou técnica” (Behrens, 2007, p.443-444).

Continuada de Professores; Núcleo de Tecnologia Educacional; Paradigmas Educacionais, não trouxeram resultados satisfatórios.

Em vista disso, decidi estender a minha procura para o *Google Acadêmico*, usando as mesmas palavras-chave. Foi então que encontrei o artigo *Caminhos de (trans)formação docente em tempos de pandemia à luz do pensamento complexo: uma revisão sistemática de literatura* escrito por Juliana Melo Holanda, Andrielly Maria Pereira, Maria Dolores Fortes Alves (2023) e publicado pela Revista Plurais⁵ da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

Embora não tratasse diretamente do assunto da minha pesquisa, essa publicação foi importante para a delimitação do meu tema, já que para defender a necessidade das formações continuadas, as autoras primeiro argumentaram que o paradigma tradicional era insuficiente para vencer os desafios que o cenário atual, marcado pela recente pandemia da Covid-19, impôs à educação. Em seguida, anunciaram o pensamento complexo, presente na obra de Edgar Morin, como um contraponto e, portanto, uma possibilidade de superar essa velha pedagogia que se apoia na repetição de ‘verdades absolutas’ e na fragmentação do saber. Por fim, ainda indicaram trabalhos que abordavam a formação continuada para incorporação das TDIC na prática pedagógica à luz do pensamento complexo (Holanda; Pereira; Fortes, 2023).

Dessa forma, encontrei o artigo *O olhar complexo sobre a formação continuada de professores para a utilização pedagógica das tecnologias e mídias digitais* escrito pela professora Dr^a Taís Wojciechowski Santos e pelo professor Dr^o Ricardo Antunes de Sá (2021). Este texto, que apresenta os resultados da pesquisa de doutorado da própria Taís orientada pelo Professor Dr^o Ricardo Sá, propõe uma formação continuada de professores para a incorporação das TDIC na prática pedagógica amparada pelo pensamento complexo de Morin, em virtude disso, sugere:

[...] O protagonismo docente nos processos formativos; a necessidade de realização da formação *in loco*, na unidade de atuação dos professores; a importância de um acompanhamento, assessoramento e auxílio para que os docentes coloquem em prática os conteúdos desenvolvidos nas formações; a necessidade de infraestrutura adequada, com aquisição e manutenção de recursos digitais; e a pertinência da formação continuada de professores não ser desenvolvida de forma isolada, mas compreendida como uma tessitura de múltiplos elementos que precisam ser considerados, para que as práticas formativas em TMDs⁶ possam contribuir para o processo de qualificação docente (Santos e Sá, 2021, p.1-2).

⁵A Revista Plurais - Virtual, ISSN 2238-3751, é uma publicação eletrônica da linha de pesquisa "Educação, Escola e Tecnologias", do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT) da Universidade Estadual de Goiás (UEG), UnU Nelson de Abreu Júnior, bairro Jundiá – Anápolis/GO.

⁶ Tecnologias e Mídias Digitais.

Essa leitura apresentou um modelo de formação continuada muito diferente daquele que o NTE 7 ofertava. Interessado em conhecer melhor essa ideia, entrei em contato com os pesquisadores por meio de correio eletrônico. Algum tempo depois, ambos responderam minha mensagem e a professora Taís Wojciechowski ainda me encaminhou cópias de teses, de artigos e de livros que contribuíram diretamente para a construção da minha proposta e indicou um caminho para minha investigação seguir.

De posse desse material, cotejei o meu local de trabalho com uma ideia de curso menos instrucional e por conseguinte, vi surgir estes questionamentos: qual paradigma educativo as ações ofertadas pelo NTE 7 adotam? E mais, de que maneira, a abordagem escolhida pelo NTE 7 contribui para a incorporação das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) na prática pedagógica?

No fim, concluí que as indagações levantadas não só permitiram refletir acerca das dificuldades encontradas por professores para inserir as TDIC na prática pedagógica, mas, ao mesmo tempo, ajudaram a repensar a minha prática e, além disso, ainda se converteram no principal problema a ser investigado por este trabalho que proponho.